

Langoni já admite nova “explosão de incerteza”

Da sucursal do
RIO

O presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, em discurso que fará hoje perante a 24ª Reunião Anual da Assembleia de governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, no Panamá, reconhece que o Brasil vive “uma situação apertada em termos de liquidez internacional e vulnerável a outros incidentes de mercado que possam mais uma vez gerar nova explosão de incerteza”. Alerta ainda para o risco de novo choque financeiro pela elevação das taxas de juros internacionais.

No discurso de 16 páginas, Langoni aborda a crise econômico-financeira internacional a partir da terceira página e admite também que “as dificuldades atuais dos países em desenvolvimento não podem ser atribuídas exclusivamente a fatores externos”, contrariando, desta maneira, a linha do recente discurso do presidente Figueiredo ao seu ministério, onde os mesmos fatores externos foram responsabilizados unicamente pelas dificuldades do País. Langoni afirma que “o Brasil também cometeu a sua cota de erros, especialmente no que diz respeito à rigidez institucional traduzida pela presença excessiva do Estado na economia”.

Depois de afirmar que “o Brasil conseguiu atravessar a fase mais crítica do mercado financeiro internacional e chegar a formalizar em fevereiro passado um programa de recursos externos com os bancos internacionais que envolve comprometimentos num total de US\$ 26 bilhões, além de um acordo com o FMI num total de DES (Direitos Especiais de Saque) 4,2 bilhões pelo período de três anos”, Langoni qualifica este processo de negociação como “extremamente penoso e arriscado”. Para ele a situação de vulnerabilidade brasileira “precisa ser modificada”.

Assim, “cabe ao próprio sistema financeiro privado, por meio de um esforço maior de integração e ação articulada, desenvolver mecanismos próprios de minimização dessas externalidades”, tendo como peça decisiva os canais de acesso às informações sobre as economias dos diversos países, a fim de evitar o que chama de “comportamento ciclotímico”, dos bancos regionais, — “que constituem a imprescindível massa de liquidez para o mercado interbancário”.

“As soluções negociadas” — acrescenta — “quase sempre partem desse pressuposto, ao procurar transformar esses créditos em operações de médio e longo prazos”. E salienta que “não há dúvida, porém, de que o alongamento voluntário do perfil da dívida dos países em desenvolvimento parece ser o elemento-chave para a solução definitiva dos problemas de administração da dívida externa desses países. O Brasil, como se sabe, já há muitos anos adotou uma política de pagar

spreads, relativamente mais elevados em troca de prazos mais longos. Esta estratégia nos dá hoje preciosos graus de liberdade no encaminhamento de nosso endividamento externo”.

CHOQUE FINANCEIRO

Langoni adverte para a importância da dimensão, externa da crise vivida pelo Brasil, afirmado ser “inconcebível, por exemplo, suportar novo choque financeiro representado pela repetição do ciclo de elevação das taxas de juro, o que aumenta a responsabilidade dos Estados Unidos na condução da sua política doméstica”. Também considera “injustificável, no caso dos países industrializados, utilizar o recrudescimento do protecionismo como mecanismo de ajustamento de seus desequilíbrios no balanço de pagamentos”.

O presidente do Banco Central refere-se ainda ao problema do restabelecimento dos créditos comerciais e interbancários, que chama de “verdadeiro quebra-cabeça que só poderá ser resolvido convenientemente na medida em que haja cooperação efetiva dos bancos internacionais”, ao lado dos bancos centrais.

“Nesse caso” — diz Langoni — “em que não há efetivamente o funcionamento espontâneo das forças de mercado, não fez sentido adotar a postura ortodoxa de que ‘o risco é exclusivamente dos bancos’, ou, o que é pior, procurar legislar sobre uma situação de fato, impondo ainda maior rigidez à ação dos bancos com novas restrições num momento em que são necessários exatamente flexibilidade e capacidade de adaptação. Vale a pena lembrar que a responsabilidade maior da autoridade monetária é sem dúvida a estabilidade do sistema financeiro como um todo”.

“O caso brasileiro — prossegue Langoni — é também ilustrativo na medida em que optamos pelo comprometimento voluntário dos bancos tanto nas linhas comerciais como nas linhas interbancárias, procurando por meio de uma ação coordenada, inclusive com uma estrutura de preços adequada, transformar linhas informais em linhas formalizadas. Esta estratégia, que preservou a natureza privada do nosso sistema financeiro, começa a dar resultados na medida em que já restabelecemos US\$ 1,5 bilhão de linhas interbancárias e conseguimos compromissos de US\$ 10,3 bilhões de linhas comerciais, agora já num processo gradual de desembolso efetivo.”

O presidente do Banco Central defende ainda um “esforço de substituição mais intenso de fontes privadas por fontes multilaterais de recursos”, criticando “a timidez com que este tema vem sendo enfrentado”, especialmente no que se refere ao reforço de capital e da capacidade de mobilização de recursos das instituições já existentes. Depois de citar “a indecisão do FMI na reunião de Toronto”, elogia a atitude agressiva do Fundo, “que passou a desempenhar ativo e decisivo papel na mobilização dos bancos internacionais”, além de atuar, por seu aval, como “indispensável passaporte de acesso ao mercado financeiro”.